

# LITERATURA E EXCLUSÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE DOS CONTOS *MURIBECA*, DE MARCELINO FREIRE, E *TIO, MI DÁ SÓ CEM*, DE JOÃO MELO

LITERATURE AND SOCIAL EXCLUSION: AN ANALYSIS OF THE SHORT  
STORIES *MURIBECA*, BY MARCELINO FREIRE, AND *TIO, MI DÁ SÓ CEM*, BY  
JOÃO MELO

Rondinele Aparecido Ribeiro<sup>1</sup>

Luciana Brito<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa o conto *Muribeca*, de Marcelino Freire, e o conto *Tio, mi dá só cem*, escrito por João Melo. É necessário assinalar que nossa postura acolheu as conjunções motivadas pelos trânsitos existentes entre os países de Língua Portuguesa. Desse modo, a leitura dos textos revela a preponderância do espaço urbano, captado pela ficção como consequência do problemático processo de urbanização de países periféricos situados no contexto de capitalismo avançado. Com isso, a literatura confirma sua vocação em se constituir como um espaço privilegiado que possibilita estabelecer profundas reflexões sobre as desigualdades sociais que emergem como traço constitutivo de países com um passado colonial.

**Palavras-chave:** Marcelino Freire; João Melo; Conto; Exclusão, Violência.

**Abstract:** This article analyzes the short story *Muribeca*, by Marcelino Freire, and the short story *Tio, mi dá só cem*, written by João Melo. It is necessary to point out that our position embraced the conjunctions motivated by the existing transits between the Portuguese-speaking countries. Thus, reading the texts reveals the preponderance of urban space, captured by fiction as a consequence of the problematic urbanization process of peripheral countries located in the context of advanced capitalism. Thus, the literature confirms its vocation to constitute itself as

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Doutorando em Letras na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Bolsista CAPES - Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6966-2614>. E-mail: [rondinele-ribeiro@bol.com.br](mailto:rondinele-ribeiro@bol.com.br).

<sup>2</sup> Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná – Brasil. ORCID iD: E-mail: [lbrito@uenp.edu.br](mailto:lbrito@uenp.edu.br).

a privileged space that makes it possible to establish deep reflections on the social inequalities that emerge as a constitutive feature of countries with a colonial past.

**Keywords:** Marcelino Freire; João Melo; short story; Exclusion, Violence.

## 1. Introdução

Ao apresentar os contornos responsáveis por ditar a existência do processo de exclusão na sociedade brasileira, Regina Dalcastagnè e Laeticia Jensen Eble (2017) salientam que essa mazela social não se constitui apenas como um processo econômico, mas também se estende a inúmeros aspectos cotidianos do brasileiro, perpassando o social, o político, o cultural e o afetivo dos indivíduos excluídos dos espaços institucionalizados de poder e dos espaços onde se efetivam a cidadania. Para essas autoras, as manifestações artísticas, ao representarem situações calcadas nessa vertente, revelam traços de reflexão e de posicionamento

sobre as profundas desigualdades sociais que marcam esse país e que se traduzem em violências de todo o tipo, da exclusão física à humilhação diária de integrantes de grupos marginalizados, passando ainda pelo não reconhecimento da força e da beleza de suas manifestações artísticas (DALCASTAGNÈ; EBLE, 2017, p. 11).

O ponto de vista das estudiosas revela que as manifestações artísticas se notabilizam pela constituição de um espaço institucionalizado para contribuir com a transformação da sociedade. Nesse sentido, destaca-se a legitimidade conferida à literatura como uma arte efetivada pelo discurso capaz de mimetizar o cotidiano vivido, tomando como parâmetro a realidade próxima na qual o leitor está inserindo.

Embasado nas prolíficas considerações de Antonio Candido (2003), é importante destacar as potencialidades das manifestações artísticas em se constituírem como uma manifestação discursiva complexa capaz de edificar e

humanizar o homem, sobretudo por possibilitar a experimentação de uma realidade, muitas vezes, alheia às experiências cotidianas.

Com efeito, a literatura, vista sob essa perspectiva, torna-se um agente cultural fértil em provocar o homem em sua vivência. Mesmo que num período atravessado por inúmeras dificuldades, desafios e percalços responsáveis por ameaçar a existência humana, a literatura e outras manifestações estéticas mantêm-se com uma carga de vitalidade, sobretudo pela particularidade de contarem com traços múltiplos de tendências, de suportes, de escritores, de leitores e de receptores.

Ainda que seja bastante problemático rotular a expressiva produção literária brasileira contemporânea, não se pode negar que um dos veios mais prolíficos dessa produção mais recente se centra na representação de grupos marginalizados. De maneira análoga, a produção literária angolana também se volta para esse contexto de exclusão fortemente perpassado pela representação da ordem espacial, assinalando a presença de personagens excluídos da cidadania. Nesse sentido, não é forçoso compreender que o processo catastrófico de urbanização, visto como marca negativa do processo de globalização, foi assimilado pela literatura como uma matéria fértil.

Posto isso, este artigo analisa o conto *Muribeca*, de Marcelino Freire, e o conto *Tio, mi dá só cem*, escrito por João Melo. É necessário assinalar que nossa postura acolheu as conjunções motivadas pelos trânsitos existentes entre os países de Língua Portuguesa. Desse modo, a leitura dos textos revela a preponderância do espaço urbano, captado pela ficção como consequência do problemático processo de urbanização de países periféricos situados no contexto de capitalismo avançado.

## 2. Tecendo alguns fios: a Literatura como representação

Em *Novas Geografias Narrativas*, Maria Zilda Ferreira Cury (2007), ao delimitar os rumos da ficção produzida no país, destaca que a ficção contemporânea está umbilicalmente atrelada ao espaço urbano, fortemente perpassado pela vida agitada e violenta, que substituiu o espaço rural. Por isso, sobressai, na concepção da estudiosa, a percepção de que a narrativa contemporânea se revela como uma representação da cidade como espaço desgastado, definido como “metáfora de impossibilidade de reconstituição identitária positiva do país” (CURY, 2007, p. 09).

Nesse sentido, conforme salienta a autora, a cidade assume uma espécie de feição performática. Assim, cabe explicarmos que, de modo geral, os autores que se propõem a tematizar os efeitos das relações estabelecidas entre os diversos grupos sociais incorporaram inovações estilísticas perpassadas pelo emprego de cenas rápidas, que podem ser vistas, na definição de Cury (2007), como uma espécie de “metáfora da velocidade”. Ademais, não é forçoso assinalar a preponderância de uma visão que encara o denominado processo de desterritorialização como uma marca dominante da produção ficcional mais recente, reveladora de uma situação emblemática em que o espaço social é visto como um lócus de embate entre indivíduo e coletivo. O dilaceramento entre o eu e o mundo, que é o grande tema das narrativas ao longo da história, exacerba-se com a ficção contemporânea.

Pode-se dizer que a produção de Marcelino Freire pode ser tomada como exemplo fértil dessa peculiaridade apontada pela estudiosa. Nascido em 1967, em Sertânia, Pernambuco, o autor se consagrou como um dos principais escritores do país. O conto objeto de nossa análise integra o volume intitulado *Angu de Sangue*. Lançado em 2000 pela Ateliê Editorial, a maioria dos contos do volume foi adaptada para o teatro, sob a direção de Marcondes Lima.

Sobre a expressividade do título, vale acrescentar que temos uma composição por justaposição em que o substantivo “angu” é unido à locução adjetiva “de sangue”, criando uma nova palavra. João Alexandre Barbosa (2019) explica, no prefácio da obra, que angu, um prato típico nordestino, em contato com a cidade, virou um angu de sangue, justamente em virtude desse choque com a violência. O livro contém 17 contos marcados pelo emprego de uma linguagem perpassada pela melancolia, pela ironia, pela predominância do trágico, pela voz de grupos marginalizados dos espaços de representatividade.

No prefácio da obra, João Alexandre Barbosa (2019) ainda destaca a forte presença da oralidade como um traço constante no conjunto de contos. Em *Muribeca*, primeiro conto da coletânea, esse traço estilístico se faz presente. Narrado em primeira pessoa por uma personagem marginalizada, o conto representa perfeitamente o traço da velocidade apontada por Cury (2007). Por meio da voz de uma personagem que depende do lixão para sobreviver, somos levados, graças a um forte tom de desespero e angústia, às dúvidas e argumentações de uma representante de um segmento social marginalizado diante da possibilidade de desativação do lixão<sup>3</sup>, local de onde provém o sustento de várias famílias:

Lixo? Lixo serve pra tudo. A gente encontra a mobília da casa, cadeira pra pôr uns pregos e ajeitar, sentar. Lixo pra poder ter sofá, costurado, cama, colchão. Até televisão.

É a vida da gente o lixão. E por que é que agora querem tirar ele da gente? O que é que eu vou dizer pras crianças? Que não tem mais brinquedo? Que acabou o calçado? Que não tem mais história, livro, desenho?

E o meu marido, o que vai fazer? Nada? Como ele vai viver sem as garrafas, sem as latas, sem as caixas? Vai perambular pela rua, roubar pra comer?

---

<sup>3</sup> Localizado em Jaboatão dos Guararapes, região metropolitana de Recife, o lixão da Muribeca foi desativado em 2009.

E o que eu vou cozinhar agora? Onde vou procurar tomate, alho, cebola? Com que dinheiro vou fazer sopa, vou fazer caldo, vou inventar farofa? (FREIRE, 2019, p. 23).

O trecho transcrito evidencia as incertezas da personagem diante da situação de eliminação do lixão, visto por ela como um espaço que lhe garante a sobrevivência. Temos, aqui, dois grandes problemas existentes em quase todos os municípios brasileiros e que estão interligados. A presença dos lixões a céu aberto, uma mazela de ordem ambiental, e o grande número de brasileiros que vivem nesses lixões como catadores, uma das mais insalubres e indignas atividades econômicas humanas. Para resolver o problema dos depósitos de lixo a céu aberto, o Congresso Nacional aprovou, em 2010, uma lei instituindo uma política nacional para os resíduos; e o Ministério do Meio Ambiente, por sua vez, determinou que os municípios deveriam criar aterros sanitários e iniciar a coleta seletiva. Com a desativação de uma quantidade considerável de lixões, um novo problema se impõe, ou seja, como promover a inclusão social dos catadores, sendo que é o único trabalho que sabem desenvolver. Contudo, notamos a ausência de políticas públicas promissoras para migrar os catadores do trabalho insalubre para uma estrutura digna e segura.

No decorrer da narrativa, a personagem destaca que, além do lixão corresponder ao meio de sustento, seja por meio de gerar a possibilidade de renda e pelo fato de se constituir como uma fonte de alimentos, também se notabiliza por se estabelecer como farmácia e habitação, o que pode ser constatado por meio do trecho a seguir, que revela a preponderância de um tom bastante afetivo empregado pela personagem ao se dirigir ao espaço:

Não pense que é fácil. Nem remédio pra dor de cabeça eu tenho. Como vou me curar quando me der uma dor no estômago, uma coceira, uma caganeira? Vá, me fale, me diga, me aconselhe [...].

Por exemplo, onde a gente vai morar, é? Onde a gente vai morar? Aqueles barracos, tudo ali em volta do lixão, quem é que vai levantar?

Você, o governador? Não. Esse negócio de prometer casa que a gente não pode pagar é balela, é conversa pra boi morto. Eles jogam a gente e num esgoto. Pr'onde vão os coitados desses urubus? A cachorra, o cachorro? (FREIRE, 2019, p. 24).

São trabalhadores humildes que encontram na atividade de catadores a única alternativa para vencer o desemprego, a falta de escolaridade e qualificação profissional e a pobreza extrema. Se para a maior parcela da sociedade os lixões são espaços tidos como insalubres e, por consequência, desvalorizados, para os catadores é o único meio de sobrevivência, daí o valor conferido ao espaço, conforme apresentado no trecho acima. A pesquisadora Dirce Koga, ao defender a atenção que merece ser dada ao território/espaço em que a desigualdade e a injustiça social são presentes, tendo em vista que os limites são bem maiores que as possibilidades em área, afirma:

Em contextos de fortes desigualdades sociais, de tendências à focalização cada vez mais presentes nas propostas de políticas sociais, o território representa uma forma de fazer valer as diferenças sociais e culturais que também deveriam ser consideradas nos desenhos das políticas públicas locais. É nesse sentido que a referência territorial pode significar não somente as expressões mais imediatas e concretas das realidades vividas como também conter elementos aparentemente invisíveis, mas significativos, que dizem respeito aos valores, sentimentos, perspectivas que rodeiam as vidas das populações. (KOGA, 2003, p.47).

Regina Dalcastagnè (2012) salienta que “a literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 109- 110). Ademais, para a autora: “o espaço da narrativa brasileira atual e essencialmente urbano, isto é, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 110).

Nesse sentido, o conto se insere como um legítimo representante dessa peculiaridade apontada pela estudiosa. Além disso, é necessário ressaltar que a narrativa escancara também as ambivalências típicas de uma sociedade que experimenta os efeitos do problemático processo de urbanização. Com isso, temos, de fato, uma mostra da forma bárbara com que ocorreu o propalado processo de modernização brasileiro, revelando uma sociedade bastante desigual.

A situação de marginalização retratada pelo conto se torna ainda mais perplexa quando esse espaço de descarte de resíduos se demonstra como a única possibilidade de sobrevivência de grupos marginalizados diante da inépcia do governo, que não oferece políticas públicas adequadas para garantir a inserção social e, conseqüentemente, propiciar a efetivação da dignidade da pessoa humana, como preconiza a constituição:

O povo do governo devia pensar três vezes antes de fazer isso com chefe de família. Vai ver que eles tão de olho nessa merda aqui. Nesse terreno. Vai ver que eles perderam alguma coisa. É. Se perderam, a gente acha. A gente cata. A gente encontra. Até bilhete da loteria, lembro, teve gente que achou. Vai ver que é isso, coisa da Caixa Econômica. Vai ver que é isso, que é luxo, que luxo tem valor (FREIRE, 2019, p. 24).

Ampliando as discussões apresentadas neste texto, destacamos o rico diálogo estabelecido com a literatura africana. Nesse sentido, recorreremos às prolíficas contribuições de Rubens Pereira dos Santos (2012). De modo assertivo, ao tecer considerações sobre as configurações da literatura produzida nos países lusófonos, o autor destaca a qualidade da produção, além do reconhecimento dado a essa expressiva produção pela comunidade internacional.

Sobre as configurações da literatura angolana, o ponto de vista de Rejane Vecchia da Rocha e Silva (2014, p. 367) é prolífico:

A produção literária, dessa forma, vem se mantendo historicamente mobilizada pelas questões sociais, focalizando formas de comportamento político em sociedades do continente africano que foram sendo inscritas na ordem do capitalismo mundial, e tais formas de representação, enquanto realidades discursivas, estabelecem inevitavelmente vinculações entre o contexto textual (ficcional) e a realidade material (de acordo com as configurações histórico-culturais, portanto. Assim sendo, o estudo das relações entre Literatura e História se faz diante das solicitações ideoculturais de momentos políticos do passado e do presente (VECCHIA ROCHA e SILVA, 2014, p. 367).

Estabelecida uma contextualização, ainda que de maneira breve sobre os contornos da literatura angolana, apresentamos, de forma sucinta, a obra *Filhos da Pátria*, de autoria de João Melo, autor representativo da literatura angolana. A obra foi publicada originalmente em 2001 pela editora Nzila e, posteriormente, pela editora Record, no Brasil. Composta por 10 contos, de modo geral, propõe-se a narrar situações desencadeadas pelo processo de independência de Angola. Para tanto, confere representação e voz a personagens marginalizados da sociedade angolana. Tais peculiaridades podem ser facilmente observadas na leitura do conto *Tio, mi dá só cem*, objeto de estudo no artigo em questão.

De maneira semelhante ao conto de Marcelino Freire, o conto de João Melo apresenta um narrador em primeira pessoa, pertencente ao grupo marginalizado, portanto destituído da cidadania. Marcado pela velocidade das ações, o conto toma como espaço a metrópole com sua impossibilidade de reunir pacificamente sujeitos situados em diversas classes. Vale, nesse sentido, mais uma vez, recorrermos ao vigoroso ponto de vista de Dalcastagnè (2012). Essa estudiosa, ao se referir à prevalência da metrópole como espaço preponderante na narrativa contemporânea, salienta que esse espaço emerge como uma espécie de “símbolo da diversidade humana, em que convivem

massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam [...]” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 110).

Ainda que o diagnóstico da autora centre-se no contexto brasileiro, não é forçoso reconhecer tal traço como uma das linhas de força da literatura produzida em Angola. A voz narrativa do conto centra-se no ponto de vista de um garoto que, ao pedir dinheiro na rua, acaba contando sua trajetória de vida, marcada pela problemática configuração social do país, que forçou uma intensa migração e pelo ingresso na marginalidade, aqui vista como a condição do indivíduo excluído dos espaços de poder, mas também como a situação daquele indivíduo que é cooptado pelo universo do crime.

No primeiro parágrafo, sobressai, por meio de uma linguagem ágil, intensa e veloz, a apresentação do personagem, que revela sua origem como um deslocado:

Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô então com fome, inda não comi nada desde antesdntem, os outros miúdos mi caçambularam com ele o ferro que um muata me deu, eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia então filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro lá bem no fundão perto das pedras, eu dei um tempo, contei nas mãos, eu então sei contar tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, num é assim tio, é assim sim senhor, não ri, foi o meu professor é quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem é deslocado, outros porque é refugiado, [...] (MELO, 2008, p. 31).

O conto inicia-se com uma expressão perpassada pelo forte tom de oralidade, que, por sua vez, confere o título ao texto. O trecho evidencia, como já assinalado, a recorrência de uma linguagem intensa e ágil em que o personagem excluído recorre à mendicância como forma de sobrevivência. Tamanha é a marginalização que o garoto sofre que estava há dois dias sem fazer uma refeição.

Como marca da intensidade, o trecho estrutura-se por meio de uma sequência de períodos marcados pela ausência de parágrafos. Assim, do ponto de vista estilístico, é importante acrescentar que sobressai, no conto, a ênfase no emprego de vírgulas e ausência de pontos, garantindo a agilidade da linguagem e a intensidade dos fatos narrados. Cabe ainda mencionar, a partir do trecho transcrito, a preponderância da marca da oralidade e a incorporação de palavras típicas do léxico angolano, tais como: “miúdos”, “muata”, “kilunza”, “kinjango”, “canuco”, “garina”.

Do ponto de vista temático, por sua vez, o conto aborda os efeitos do acentuado processo de metropolização, associado aos efeitos nefastos de questões emergentes do pós-colonialismo, que ditam a tônica das ações do protagonista. Nesse sentido, mais uma vez, a literatura revela-se como um potente discurso capaz de captar as conturbadas relações de indivíduos situados na periferia do capitalismo.

Desde o primeiro parágrafo, podemos falar que esse personagem excluído da cidadania vê na mendicância uma forma de sobrevivência. Contudo, o conto se aprofunda, ganhando uma dimensão trágica ao investir na representação de um sujeito marginalizado, que pratica atividades ligadas ao universo do crime, como se pode perceber pela atividade desempenhada relacionada à proteção de adolescentes vítimas da prostituição, mencionada por ele no excerto em análise.

Apesar da pouca idade, temos um garoto marcado por várias experiências, como se pode perceber pelos fatos narrados de maneira intensa, que não abrem a possibilidade de um diálogo com seu interlocutor. Nesse sentido, podemos salientar que a narrativa se estrutura por meio de um narrador em primeira pessoa que modula os fatos da maneira mais ágil, sobretudo para dar coerência ao instante que está sendo captado: uma cena de mendicância. A sequência de ações contadas pelo protagonista revela o trauma

causado pelo contexto histórico violento tematizado pelo conto. Para avançar na especificação desse aspecto, podemos citar, dentre outros trechos, o momento em que o garoto relembra a trágica morte da mãe, violentada e incendiada: “[...] o desespero todo da minha mãe, os gritos da minha mãe, o desespero todo de minha mãe quando os homens lhe violaram, um, dois, três, quatro, cinco, seis, depois lhe espetaram a baioneta na cona, lhe puseram gasolina e lhe incendiaram” (MELO, 2008, p. 37).

Ao longo do conto, nota-se o efeito desse trauma como uma marca de um sujeito vítima de um acentuado processo de marginalização. Ao focar primeiramente as ações violentas contadas ao interlocutor como a sua atividade ligada à prostituição e a extorsão cometida contra aqueles que exploram esse crime, o que envolve ainda um homicídio e a iniciação sexual, todos esses aspectos são narrados em meio às revelações traumáticas desencadeadas pelo cotidiano vivido:

[...] a cabeça do muata estava debruçada sobre o volante toda rebotada, o sangue jorrava-lhe da testa até no tapete formando um pequeno lago cada vez maior, a garina estava totalmente encostada no outro lado do carro encolhida sobre o seu medo, paralisada pelos seus próprios gritos, sem forças sequer para abrir a porta e desaparecer, teria sido melhor se ela desaparecesse, tio, mas ela não desapareceu, parece estava à procura do azar dela ou então alguém lhe mandou para desgraçar ainda mais a minha vida [...] (MELO, 2008, p. 35).

O excerto acima chama atenção pelo forte tom naturalista empregado para focar a dimensão da violência desencadeada pelo fato histórico, que obrigou a intensa migração e, conseqüentemente, aumentou os espaços periféricos em Luanda. Outra consequência nefasta desse processo muito bem captada pela obra de João Melo é o acúmulo de milhões de refugiados, contando entre estes milhares de crianças, muitas delas, como o protagonista do conto,

órfãs, sem acesso à educação, saúde, alimentação, ou seja, desprovidas dos mecanismos de inserção social.

### *3. Considerações Finais*

Como enfatiza Antonio Candido (2012), a literatura, por meio de suas tramas, desperta o homem para uma necessidade vital de ter acesso à ficção. Como se percebe, o ponto de vista do crítico atribui à literatura a especificidade de se constituir como uma das experiências mais ricas para sistematizar a fantasia. Pensando nas peculiaridades existentes na narrativa literária, como atesta o crítico, a literatura notabiliza-se por apresentar um viés artístico e estético responsável por atuar como um mecanismo de humanização devido sua particularidade em se constituir como fonte de educação humanizadora do homem.

Essa característica revela-se pela potencialidade da narrativa manifestar-se esteticamente, permitindo ao leitor experimentar uma realidade, às vezes, bastante diferente da sua, o que revela seu traço característico de ampliar os horizontes de expectativas dos sujeitos. Dessa forma, essa manifestação artística é responsável por estimular o senso crítico, além de se constituir como um espaço propiciador das mais diversas reflexões, sobretudo pela potencialidade em representar os conflitos humanos, tornando-os palpáveis ao leitor.

Enquanto materialidade discursiva, a literatura notabiliza-se pela sua inscrição em um contexto sociocultural específico. A esse respeito, Candido (2003) salienta a ligação dessa manifestação artística com o caráter expressivo de um determinado grupo num tempo ou num espaço, uma vez que a literatura “[...] confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no seu subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 2003, p. 243).

Enquanto produção discursiva engajada, a prosa contemporânea mostra-se um potente discurso que mantém uma forte conexão com o processo histórico no qual se insere. Dessa particularidade, emerge uma vasta produção capaz de manter um diálogo fecundo com o cenário atual, como foi exemplificado pelas análises do presente estudo.

No que se refere à representação da violência e à exclusão na literatura, pode-se dizer, ainda, que esses aspectos não ocorrem apenas pelo intermédio do conteúdo, mas sim pelo emprego de uma linguagem perpassada pelas rasuras de viés naturalista. Nesse contexto, a representação do cenário urbano e dos seus desdobramentos é tratada de modo mais performático, uma vez que passou a se constituir num espaço problemático devido ao cenário da globalização, responsável por acentuar ainda mais as exclusões, o que representa o surgimento de novas configurações identitárias e novos problemas para serem representados.

Na verdade, esse espaço é configurado a partir de movimentos com grande celeridade, contando com cenas também muito rápidas. Outro aspecto a ser observado liga-se aos narradores, que atuam sob uma submissão célere de suas representações, configurando amplamente o processo de representação e significação do urbano numa narrativa breve, que desafia os limites do gênero a que pertence.

### *Referências*

- BARBOSA, João Alexandre. In: FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. 3. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2019. p. 11-17.
- CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas cidades, 2003.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Novas geografias narrativas. *Revista Letras de Hoje*. Curso de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 42, n. 4, p. 7-17, 2007.

DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora Horizonte, 2012.

DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen. Apresentação. In: DALCASTAGNÈ, Regina; EBLE, Laeticia Jensen. (Orgs.). *Literatura e Exclusão*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: Editora Zouk. 2017. p. 11-14.

KOGA, Dirce. *Medidas de cidades: entre território de vida e territórios vividos*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Marcelino. *Angu de Sangue*. 3. ed. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2019.

MELO, João. *Filhos da pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008

SANTOS, Rubens Pereira dos. Do Brasil à África: resgatando valores através da Literatura, construindo uma sociedade multicultural e pluriétnica. *Revista Navegações*. Porto Alegre, v. 5, p. 73-78, 2012.

VECCHIA DA ROCHA E SILVA, Rejane. Apontamentos do materialismo para uma abordagem crítica das relações entre Literatura e História nos países africanos de língua portuguesa. *Revista Crioula*. São Paulo, nº 9, 2011.

Recebido em 21/11/2021.

Aceito em 05/02/2022.